



JOYCE DE OLIVEIRA CORRÊA

**UMA BREVE ANÁLISE DO DISCURSO DO NARRADOR  
EM A HORA DA ESTRELA**

**Lavras-MG**

**2022**

# **UMA BREVE ANÁLISE DO DISCURSO DO NARRADOR EM A HORA DA ESTRELA**

Artigo apresentado ao curso de Letras/Português da Universidade Federal de Lavras, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientador (a): Julio Cesar Machado

**Lavras-MG**

**2022**

## **Resumo**

A análise do discurso estuda a língua em movimento através dos sujeitos que ao se comunicarem geram variados sentidos. Mais que se preocupar com a transmissão de uma informação, o discurso é uma produção de sentidos entre os sujeitos, não é mais o que se fala, mas porque se fala e para quem. Não há mais o sujeito que é apenas enunciador e o que é o ouvinte, ambos enunciam e são os destinatários dos enunciados. Este trabalho analisa alguns discursos presentes no livro “A Hora da Estrela” da escritora Clarice Lispector, mais precisamente o discurso do narrador. Este artigo apresenta uma pesquisa qualitativa baseada em uma revisão de literatura em obras de linguistas como Orlandi (2007) e Mussalim (2003), e tendo como objeto de análise o livro “A Hora da Estrela”. O objetivo é demonstrar que um mesmo sujeito apresenta discursos variados, o que demonstra que um discurso nunca é inédito e sim proveniente de outros discursos e que todo discurso vem carregado de ideologia, pois o sujeito do discurso é afetado pelo que há ao seu redor. Este artigo é dividido em uma síntese sobre enunciação, o discurso, o interdiscurso, a análise do discurso e as formações discursivas. Apresenta também análise de alguns discursos do narrador personagem, Rodrigo, da Hora da Estrela.

Palavras Chaves: Discurso. Análise do Discurso. Formações Discursivas. Sujeito.

## **Abstract**

Discourse analysis studies the language in movement through the subjects who, when communicating, generate different meanings. More than being concerned with the transmission of information, discourse is a production of meanings between subjects, it is no longer what is said, but why it is spoken and to whom. There is no longer the subject who is only the enunciator and the one who is the listener, both enunciate and are the recipients of the enunciations. This work analyzes some discourse present in the book “A Hora da Estrela” by writer Clarice Lispector, more precisely the narrator's speech. This article presents a qualitative research based on a literature review in works by linguists such as Orlandi (2007) and Mussalim (2003), and having as object of analysis the book “A Hora da Estrela”. The objective is to demonstrate that the same subject presents different speeches, which demonstrates that a speech is never new but comes from other speeches and that every speech is loaded with ideology, as the speech subject is affected by what is around him. This article is divided into a synthesis on enunciation, discourse, interdiscourse, discourse analysis and discursive formations. It also presents some discourse by the character narrator, Rodrigo, from Hora da Estrela.

**Keywords:** Discourse. Speech analysis. Discursive Formations. Subject

## **Sumário**

<b>1. Introdução.....</b>	<b>7</b>
<b>2. Fundamentação Teórica.....</b>	<b>8</b>
2.1 A Análise do discurso e discurso.....	9
2.2 Formação Discursiva.....	11
<b>3. Clarice Lispector.....</b>	<b>12</b>
<b>4. Análise de Corpus.....</b>	<b>13</b>
<b>5. Conclusão.....</b>	<b>18</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>18</b>



## **1.Introdução**

As obras literárias representam um papel importante do ensino da língua, por meio de leituras os estudantes podem ter uma visão do mundo que os cerca. Nos textos literários, os discursos trazem a influência de ideologias, sejam elas quais forem.

Orlandi (2007) define o discurso como a língua em movimento e construindo sentidos, a Análise do Discurso busca então compreender como ele funciona. Um discurso nunca é original, ele sempre virá de outro discurso que por sua vez veio de outro e assim por diante. A esse encadeamento de discursos dá-se o nome de interdiscurso.

Neste artigo, será feita uma breve análise do discurso do narrador de A Hora da Estrela, livro de Clarice Lispector. Muitos artigos lidos para este trabalho têm seu foco na personagem principal, Macabéa. Decidiu-se voltar o olhar para Rodrigo S.M., que parece conhecer a personagem intimamente e muitas vezes a vê como um ser inócuo e inferior. O que se pretende é analisar o que influencia o discurso de Rodrigo, quais ideologias estão presentes.

Não há como se falar em discurso sem mencionar a enunciação, assim sendo, este artigo apresenta o conceito de enunciação. De acordo com Brandão (1995) pode se explicar a enunciação como a transmissão de palavras que surgem de uma interação humana, e tal interação é única. Cada enunciação se dá por algum motivo.

A pesquisa será qualitativa, baseada em uma revisão de literatura que buscará por meio de análises e percepções fazer uma análise discursiva de trechos retirados do livro A Hora da Estrela de Clarice Lispector.

## 2.Fundamentação Teórica

Saussure ao apresentar a dicotomia língua e fala acaba por excluir a fala da Linguística, mas a enunciação encontra-se no campo da fala, pra Benveniste (1989) a enunciação pode ser entendida como a língua em funcionamento, isto é, por meio da fala que é um ato individual. Todavia, a enunciação vai além da fala, por meio dela o sujeito realiza um enunciado. Brandão (1995, p.16) assim explica a enunciação: “Enunciação é a emissão de um conjunto de signos que é produto da interação de indivíduos socialmente organizados. A enunciação se dá num aqui e agora, jamais se repetindo. Ela se marca pela singularidade”.

A partir do conceito de enunciação, a linguagem não é mais entendida apenas como um mecanismo de comunicação e de transmissão de informação, agora ela representa a atividade ocorrida entre o enunciador e o destinatário da mensagem. Na enunciação, o enunciador estabelece que ele é o sujeito da fala e também estabelece o outro, o que vai receber a enunciação proferida por ele, o interlocutor. Ao efetuar um enunciado, o enunciador põe-se em uma posição acima do interlocutor, é como se o enunciador proferisse uma verdade absoluta e o interlocutor deveria acatá-la.

A maior parte dos falantes crê que as enunciações são reflexos de um mundo estável e já acabado, porém eles se enganam. Ao constituir suas enunciações, os enunciadores é que estão formando o mundo. Brandão (2004, p.98) assim explica:

A enunciação institui seu sujeito, seu destinatário e o mundo compartilhado pelos dois. Todos estes elementos estão marcados no enunciado, que é o produto da enunciação. O sentido de um enunciado é, portanto, a representação de sua enunciação. Dessa forma, “não há sentidos cristalizados, independentes, mas sentidos construídos numa situação discursiva”, isto é, numa enunciação (BRANDÃO, 2004, p. 98).

Todavia, a enunciação apresenta certo estaque quando coloca o enunciador em uma posição de superioridade, ele profere o enunciado e cabe ao interlocutor aceitá-lo ou não. A próxima sessão deste artigo fala sobre o discurso, ou melhor, apresenta uma análise do discurso. No discurso não há o enunciador e o interlocutor, todos os

envolvidos no processo de comunicação exprimem seus pensamentos e não há apenas os que ouvem e os que falam.

## 2.1 A Análise do Discurso e Discurso

Segundo Orlandi (2007) o entendimento acerca do discurso afasta-se do esquema: emissor, receptor, código, referente e mensagem. De acordo com a Análise do Discurso, o discurso não ocorre linearmente com o emissor enviando a mensagem e o receptor a recebendo. Para a análise do discurso, receptor e emissor estão agindo simultaneamente, não há a separação entre eles. Ambos estão produzindo simultaneamente o processo de significação. Assim explica a autora acerca da Análise do Discurso:

A análise de discurso como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ou enunciando?). (ORLANDI, 2007, p. 15)

O discurso não é uma transmissão de informações apenas, os sujeitos do discurso são influenciados por diversos fatores, logo seus discursos também são afetados. Orlandi (2007) define o discurso com um intrincado encadeamento de formação desses sujeitos e construção de sentidos e não apenas uma simples transferência de informação. Para a autora o discurso é o “efeito de sentidos entre locutores”. Já Brandão (2004, p.33) assim define discurso:

Como um conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva (“um discurso é um conjunto de enunciados que tem seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva”), para Foucault, a análise de uma formação discursiva consistirá, então, na descrição dos enunciados que a compõem. E a noção de enunciado em Foucault é contraposta à noção de proposição e de frase (...), concebendo-o como a unidade elementar, básica que forma o discurso. O discurso seria concebido, dessa forma, como uma família de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva. (BRANDÃO, 2004, p.33)

Foucault (2002) reconhece o discurso como constituído por enunciados separados, que ao primeiro olhar aparentam não ter nada que os ligue. Desse ponto de vista a Análise do discurso deve explicar essa separação dos enunciados estabelecendo normas que possam nortear a formação dos discursos, para isso, de acordo com Mesquita Filho (2011, p.44), deve-se levar em conta:

- Os objetos e temas que aparecem e coexistem nesses elementos dispersos;
- Os tipos de enunciação que podem permear esses elementos;
- Os conceitos que apresentam, em suas formas de aparecimento e transformação, relacionados em um sistema comum.

Fica evidente que os discursos proferidos pelos locutores trazem as marcas ideológicas dos mesmos, nenhum discurso é dito sem que seu enunciador tenha um ponto de vista, um sentimento e uma intenção, ou que sofra alguma influência. Esses fatores levam a diversas formações discursivas. Alguns autores acreditam que o que define a formação discursiva é sua ligação com a formação ideológica. Pode se dizer que alguém que apresenta um discurso de cunho machista apresenta a influencia da ideologia machista. Mussalim descreve a relação entre o sujeito, o discurso e a ideologia da seguinte forma:

O sujeito passa a ser concebido como aquele que desempenha diferentes papéis de acordo com as várias posições que ocupa no espaço interdiscursivo. (...) O sujeito apesar de desempenhar diversos papéis, não é totalmente livre; ele sofre as coerções da formação discursiva do interior do qual já enuncia, já que esta é regulada por uma formação ideológica. Em outras palavras, o sujeito do discurso ocupa um lugar de onde enuncia, e é este lugar, entendido como a representação de traços de determinado lugar social, (...) que determina o que ele pode ou não dizer a partir dali, ou seja, este sujeito, ocupando o lugar que ocupa no interior de uma formação social, é dominado por uma determinada formação ideológica que preestabelece as possibilidades de sentido de seu discurso. (MUSSALIM, 2003, p.133).

Pode se entender que o discurso vai além das palavras proferidas e também que nenhum discurso existe sozinho, ele é reflexo de outro discurso já existente, é como se houvesse um encadeamento de discursos, a essa ocorrência nomeia-se interdiscurso, isto é um discurso dialogando com outro. De acordo com Authier-Revuz (1990, p. 27),

Somente o Adão mítico, abordando com sua primeira fala um mundo ainda não posto em questão, estaria em condições de ser ele próprio o produtor de um discurso isento do já dito na fala do outro. Nenhuma palavra é “neutra”, mas inevitavelmente “carregada”, “ocupada”, “habitada”, “atravessada”, pelos discursos nos quais “viveu sua existência socialmente sustentada”. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27).

O discurso vai ser então dialogar com outros discursos no que se entende por interdiscurso, mas o que seria ele?

Em Charaudeau e Maingueneau (2002), o verbete “interdiscurso” é apresentado com um sentido restritivo (conjunto de discursos do mesmo campo que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros) e com um sentido amplo (conjunto das unidades discursivas com as quais um discurso entra em relação explícita ou implícita).

O interdiscurso seria então a relação existente entre os discursos. Eles estão em constante diálogo, não há discurso que não dialogue com outro e que em cada discurso haja uma lembrança de outro discurso. Orlandi (1992, p. 89-90) assim explica o interdiscurso:

O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciator. Ele se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória. Esse domínio constitui a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso (ORLANDI, 1992, p. 89-90).

## **2.2 Formação Discursiva**

O que seria a Formação discursiva (FD)? Para Pêcheux (1988, p. 160), uma FD é:

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). PÊCHEUX 1988, p. 160.

O autor evidencia que a formação discursiva apresenta uma ideologia e traz em si uma formação ideológica e por meio dessa o discurso é moldado. Uma formação discursiva advinda de uma formação ideológica Marxista virá repleta de marcas da luta de classes defendida por Marx. Pêcheux vê a Formação Discursiva como algo fechado e homogêneo.

Todavia, o discurso é heterogêneo trazendo em si diversas vozes vindas de discursos anteriores, ele pode ser fruto de diversas ideologias que se unem para que o discurso seja formado, logo a formação discursiva apresenta heterogeneidade e instabilidade e está em constante processo de produção, ela não está pronta e acabada. Assim afirma Foucault, 2002, p.60:

A definição de uma formação discursiva como uma forma de repartição, ou, ainda, um sistema de dispersão convida a colocar a contradição entre a unidade e a diversidade, entre a coerência e a heterogeneidade no interior das formações discursivas; vem a fazer de sua unidade dividida “a própria lei de sua existência”. FOUCAULT 2002, p.60).

Pode-se entender, então, a formação discursiva como algo heterogêneo que será moldado pelo sujeito do discurso, isto é, mesmo que dois sujeitos apresentem seus discursos guiados por uma mesma formação discursiva, depende deles como tal formação será apresentada em seu discurso.

Como já dito, este artigo pretende apresentar uma breve análise do discurso do narrador do livro *A Hora da Estrela* da escritora Clarice Lispector. A seguir há um resumo sobre a vida da autora do livro.

### **3. Clarice Lispector**

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia em 10 de Dezembro de 1920, seu nome era Haya Pinkhasovna Lispector, a escritora era filha de judeus e durante a Revolução Russa (1918-1920) teve que, junto a seus pais, fugir da perseguição aos judeus. Em 1921 chega ao Brasil com sua família, encontraram obstáculos e passaram por dificuldades financeiras. A família viveu em Maceió, Recife e Rio de Janeiro.

Clarice desde muito jovem apresenta gosto em escrever poemas, estudou várias línguas e também tocava piano. Aos dezenove anos ela matricula-se na Escola de

Direito da Universidade do Brasil, daí em diante passa a dedicar-se a seu grande dom: a escrita. Foi uma das escritoras que mais se destacou na terceira fase do Modernismo Brasileiro. Recebeu prêmios como o Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal e o Prêmio Graça Aranha.

A escritora foi casada com o Diplomata Maury Gurgel Valente, com quem teve dois filhos, devido à profissão do esposo Clarice morou em diversos países. Quando se separou, ela decidiu voltar ao Brasil, foi naturalizada brasileira e considerava-se pernambucana.

A Hora da Estrela foi sua última obra e este trabalho apresenta uma análise discursiva dos discursos do narrador Rodrigo S.M..

#### **4. Análise de Corpus**

O objeto de análise desse artigo são algumas formações discursivas presentes no livro A Hora da Estrela de Clarice Lispector. Serão retirados alguns trechos do livro nos quais será feita a análise de suas formações discursivas. A intenção é demonstrar que o discurso de Rodrigo, narrador da obra, apresenta uma formação discursiva negativa e que por vezes chega a ser cáustica ao se referir à personagem principal, Macabéa.

Primeiro trecho analisado:

[...]Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. [...] (LISPECTOR, 2020, p.11)

Esse discurso de Rodrigo acerca de Macabéa parece ser influenciado por um interdiscurso machista no qual a mulher só conseguirá alguma coisa se for por meio de seu corpo e consegue bem pouco por ele (apenas um bom jantar). Mas a quem se destina o discurso de Rodrigo? Uma leitora com certeza não compactuará com o que ele diz. Um homem que ainda apresenta resquícios de machismo talvez concorde. Um homem que traz em si o machismo patriarcal concordará com a objetificação das mulheres apresentada pelo narrador.

Mas não se pode esquecer que Rodrigo representa a voz da autora, visto por esse ângulo, o discurso do narrador traz uma crítica aos que acreditam que as mulheres, e em especial Macabéa, são inferiores. Orlandi (2003) diz que o discurso é muito mais que uma simples transmissão de informações. Ao falar da protagonista do livro, Rodrigo, enquanto interdiscurso recortado por Clarice, traz a em sua fala o patriarcado histórico que acredita na superioridade masculina. O discurso produz o efeito de sentido de, por meio da figura do narrador, propor uma crítica da autora aos homens que para se sentirem superiores tendem a transformar as mulheres em seres que só tem a oferecer o corpo.

Segundo trecho a ser analisado:

[...] Ela que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra [...] (LISPECTOR, 2020, p.13)

Mais uma vez a formação discursiva, de sentidos negativos, socialmente, recorta interdiscursos repleto de estereótipos, mas para se entender isso é necessário ir além das palavras. Nesse interdiscurso, chita era um tecido muito barato, muito comum no Nordeste, usado pelas pessoas que tinham um poder aquisitivo muito pequeno, e ao dizer que a personagem deveria ficar no sertão de Alagoas com seu vestido de chita, produz-se o seguinte efeito de sentido: ele demonstra acreditar que os habitantes do sertão são todos miseráveis e não merecem vir para o sudeste tentar conseguir uma vida melhor, eles estão fadados a viver na miséria por serem incapazes de aprender algo tão simples como datilografia. É o discurso do rico por sobre o pobre, que irrompe enquanto interdiscurso de perpetuação de distinção de classes.

Outra espessura de sentido é interessante: tal discurso demonstra um interdiscurso com uma xenofobia direcionada aos nordestinos que saíam de sua região em busca de uma vida melhor e ao chegar aqui no sudeste, principalmente em São Paulo, eram perseguidos e maltratados e até assassinados. Como dito por Orlandi (1992, página: 89): “O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciator”.

Clarice, ucraniana, veio com a família para Recife. É notório que ela tinha um apreço muito grande pela cidade e também pelo Nordeste. Ao dar voz ao narrador Rodrigo, temos o efeito de sentido de que a autora, ao enunciar por Rodrigo, faz uma denúncia ao modo como os nordestinos, principalmente as mulheres, são tratadas nas regiões mais ricas do Brasil. Trata-se, portanto, de um discurso machista, rico em interdiscursos de distinções de classe, que produz o efeito de sentido de denúncia ao trato das mulheres nordestinas.

#### Terceiro trecho a ser analisado

[...] Vou agora dizendo que - que ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma. (LISPECTOR, 2020, p.21)

Nesse trecho, Rodrigo mais uma vez derrama sobre a pobre Macabéa todo seu desprezo, porém ele parece apresentar certa compaixão para a existência insignificante da garota ao dizer que ela não tinha conhecimento de si mesma, e por isso, talvez, ela não tivesse culpa por ser tão desinteressante.

Tal discurso recorta elementos do discurso machista, uma vez que pode se dizer que o interdiscurso se estabelece com o machismo que sempre apresenta a mulher como alguém que sozinha não consegue sobreviver, que ela deve ter sempre um homem, seja o pai ou um esposo, para tomá-la pela mão e protegê-la e mostrar-lhe o caminho que deve seguir. O efeito de sentido é a predominância do homem enquanto bússola geográfica, e temos aí, também, um efeito de sentido de denúncia dessa hierarquia sexual.

Ao final, Rodrigo diz que ela não conhece a si mesma, talvez essa parte do discurso tenha mais a voz da autora do que do narrador. Como se sabe, o discurso vai além das palavras proferidas, parece que Clarice quer por meio dessa fala do narrador mostrar que a mulher aceita a submissão por não conhecer a força que ela traz dentro de si e esse desconhecimento a faz suscetível à manipulação masculina.

#### Quarto trecho a ser analisado

[...] Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão – os maus antecedentes de que falei. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no Sertão,

lá onde o diabo perdera as botas. Muito depois fora para Maceió com a tia beata, única parenta sua na vida. [...] (LISPECTOR, 2020, p.24)

O trecho acima traz um interdiscurso com os vários discursos que acreditam que o Nordeste é um lugar inóspito, onde as pessoas são frágeis e devido à extrema pobreza são passíveis de morrer cedo acometidos de males desconhecidos. Um dos efeitos de sentido produzidos é que: não será que tais males são desconhecidos devido o atraso que a região apresenta em relação aos Sul e Sudeste do país? Mas o narrador não se importa com o que levou a região a se tornar tão miserável, ele parece ter por ela e por seus habitantes um desprezo muito grande. Outra vez temos, na enunciação de Rodrigo, a denúncia de um discurso preconceituoso geográfico, uma vez que Orlandi diz que “O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido”, e o discurso de Rodrigo apresenta-se dialogando com o discurso histórico que tem o Nordeste como uma região repleta de ignorantes e que não apresentam potencial algum, pois nascem fracos.

Mais uma vez o narrador apresenta um preconceito contra as mulheres, ao dizer que a tia de Macabéa é “beata”. Parece querer demonstrar (é o sentido implícito), por meio de seu discurso, que a mulher também é incompetente como a sobrinha, e nem mesmo um marido conseguiu (recorta-se o interdiscurso de que conseguir marido é uma das significações de sucesso). Pois o termo usado por ele para se referir à mulher é muito usado pelas pessoas para falar de mulheres mais velhas e solteiras que se refugiam na religião.

Mais um trecho em que o discurso machista e xenofóbico encontra-se presente, o que leva a uma indagação: o que a autora queria dizer ao leitor com tais palavras do narrador, ao enunciar essa denúncia via enunciação de um narrador machista e preconceituoso? Talvez – produz-se esse efeito – ela quisesse denunciar que há certo preconceito da região Centro-Sul contra o Nordeste e os nordestinos.

Quinto trecho a ser analisado:

[...] Quero falar da nordestina. É o seguinte: ela como uma cadela vadia era guiada exclusivamente a si mesma. Pois reduzira-se a si. Também eu, de fracasso em fracasso, me reduzi a mim, mas quero pelo menos quero encontrar o mundo e seu Deus. (LISPECTOR, 2020, p.16)

Esse trecho que aparece no início do livro foi o último a ser analisado, pois ele traz uma reflexão do narrador em que o mesmo se compara a Macabéa. Nos outros trechos ele parece ver a personagem de longe, seu discurso é influenciado por outros discursos. Todavia nesse trecho, o discurso dele aparenta-se voltar para si, ao comparar a vida da pobre moça, que ele enuncia medíocre, com a sua, repleta de fracassos.

O discurso dele produz um sentido de solidão. Tanto ele quanto Macabéa se reduziram a si próprio e por isso estão sós e fracassados. Não se pode deixar de notar que mesmo se sentindo parecido com a jovem, ele se mostra superior a ela quando diz que ele pelo menos quer encontrar o mundo, ela ficará para sempre presa em si mesma. Ademais, as palavras fortes de nomeação de Macabeia como “cadela” adejativada ainda por “vadia” dão dupla produção de sentido: não humana, mas animal, e animal de pior tipo, o que vadia. O modo de metaforizar o sujeito Macabeia produz, assim, um efeito de sentido de desumanização da mulher nordestina ou lutadora, que carrega em si marcas dessa luta ou vida sofrida. Que nos dizeres machistas é uma vida de “cadela vadia”.

Além disso, Rodrigo em seu discurso, nesse trecho analisado, mostra um sentimento de reconhecimento da solidão e dos fracassos de Macabéa, encontrando uma similaridade entre a solidão dele com a dela.

Todos os trechos analisados mostram que o discurso vai muito além do que se fala, cada um deles traz em si infinitos interdiscursos que influenciam a narrativa de Rodrigo, mas não seria Clarice que foi influenciada pelos vários discursos que teve contato ao longo da vida e os colocou e os verbalizou através de Rodrigo, produzindo efeitos de denúncia da mulher oprimida, lutadora, resistente?

Pela perspectiva da AD, Macabéa não é apenas uma personagem, uma mulher, mas ela é a representação de um grupo de mulheres brasileiras que não estão no padrão da mulher ideal. A Macabéa é feita de muitos interdiscursos: as silenciadas, exploradas, maltratadas, objeto de piada, sexualizadas, pejorativizadas.

A Hora da Estrela foi o último trabalho da escritora e difere muito das suas outras obras. O que quis transmitir ao leitor? O trecho abaixo, que se encontra na dedicatória feita por Lispector:

“Esta história acontece em um estado de emergência e de calamidade pública. Trata-se de livro inacabado porque lhe falta resposta. Resposta esta que espero que no mundo ma dê. Vós? É uma história em technicolor para ter algum luxo, por Deus, eu também preciso. Amém para todos nós.”

Nesse discurso de Clarice, ela parece dizer que nem ela tem as respostas que a pobre Macabéa procura, mas que o leitor poderá tê-las.

## 5. Conclusão

Este artigo demonstrou que a Análise do Discurso vai muito além da simples menção de palavras com sentidos predeterminados (uma análise conteudista, literal), ela se preocupa mais com o quê, como e o por que do que foi dito (o Rodrigo, como ele diz seu discurso machista, e porque diz, explicitando um problema social de hierarquização sexual e machismo social), e o que está por trás de determinado enunciado (o efeito de sentido, aqui, a denúncia social). Mais do que dizer, a AD traz também a relação interdiscursiva em que um discurso dialoga com outro e muitas vezes traz muito em si do outro. Por essa perspectiva, o dizer recorta interdiscursos que produz efeitos de sentidos não necessariamente escritos ou explícitos no texto.

No livro *A Hora da Estrela*, o narrador Rodrigo tem seu discurso influenciado por diversos outros discursos. O livro traz muitas vezes um discurso repleto de formações discursivas negativas com falas machistas e xenofóbicas. A hipótese defendida aqui foi que, tais formações discursivas parecem ser usadas pela autora como forma de denunciar como o nordestino, principalmente as mulheres, sofrem preconceitos quando saem de sua região em busca de uma vida melhor, o que se explorou por vários efeitos de sentido aqui investigados.

## Referências Bibliográficas

ALCOFORADO, L.R.V.G. **A Hora de Rodrigo S. M. – A Verdadeira Estrela**. 2021. Disponível em <  
[https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/1008/TCC\\_Hora\\_Rodrigo\\_S.M\\_Verdadeira\\_Estrela.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/1008/TCC_Hora_Rodrigo_S.M_Verdadeira_Estrela.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em 08 abr. 2022

AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade(s) Enunciatiav(s)**. (Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi). Campinas: Caderno de Estudos Lingüísticos, 1990. p. 25-42

BENVENISTE, E. **“O Aparelho Formal da Enunciação”** In: \_\_\_\_\_. Problemas de lingüística geral II. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989. p. 81-90.

BRANDÃO, H. H.N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev., Campinas: Editora Unicamp, 2004

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dictionnaire d’analyse du discours**. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

DIANA, D. **Vida e Obra de Clarice Lispector**. Toda Matéria. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/vida-e-obra-de-clarice-lispector/>> Acesso em 20 set.2021.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2020.

MUSSALIM, F. **Análise do discurso**. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, E.P. **INTERPRETAÇÃO: AUTORIA, LEITURA E EFEITOS DO TRABALHO SIMBÓLICO**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso (AAD-69)**. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997a p. 61-161.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. 32ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2010.